

# AMOR CORTÊS E LIBERDADE ROMANESCA: ISOLDA E FENICE NO ÂMBITO DE UMA DISPUTA HISTÓRICO-LITERÁRIA

Luan Lucas A. Morais

Dentre os múltiplos caminhos investigativos que a documentação literária medieval proporciona ao historiador, está aquele que se preocupa em perguntar o seguinte: afinal, o retrato da mulher medieval, devota e ciente de seus deveres para com sua família e a Igreja, correspondia às imagens descritas nos mais variados textos literários da época? Ou ainda, qual o tipo de mulher ou modelo feminino era ali apresentado/esperado e quais suas relações com a instituição do matrimônio? Partir de uma premissa tão instigante – e ampla – implica uma série de possibilidades de abordagem quando o assunto é a “condição” feminina apresentada nos textos de época. De modo a oferecer algumas contribuições interpretativas para essas questões – sem jamais esgotar outras chaves de leitura –, acredito que a forma como as donzelas e damas aristocráticas são apresentadas nas linhas dos romans dos séculos XII e XIII oferecem algumas das possibilidades oportunas para se desvelar cenários e descrições aparentemente tão contraditórias.

As tensões entre o corpo e alma foram matéria comum no medievo, e os textos literários da época não se furtaram a explorar tal questão, fosse de maneira sutil ou até mesmo explícita, como no caso das obras que envolveram a temática do Amor Cortês – ou fin’amors, como no vocabulário da época. Logo, não é surpreendente que este tema – que pode ser caracterizado brevemente enquanto sendo um conjunto de símbolos e práticas materiais vinculadas a um código de comportamento aristocrático, um ethos distintivo, em que se valorizavam o refinamento e a polidez no tratamento dispendido aos pares (RÉGNIER-BOHLER, 2017) – tenha sido fartamente explorado, também, enquanto elemento disruptivo da sociedade medieval por conta de suas manifestações e descrições vívidas das relações entre os sexos. Ora, o fin’amors, depurado e elegante quanto o ouro, foi também um topos literário irrigado por uma disputa incessante entre uma ascese e “uma erótica do controle do desejo”, feminino e masculino (RÉGNIER-BOHLER, 2017, p. 51).

A idealização das damas e donzelas medievais, imbuídas desse pano de fundo cortês, refinado e elegante, acaba por ser também um retrato masculino, uma manifestação daquilo que Georges Duby (2011) chamou de “Idade dos homens”, referindo-se à época dos romances, poemas e canções medievais que buscavam apresentar tais temáticas. Ainda que obras de ficção, e inseridas dentro do contexto específico de transformações socioculturais do Ocidente medieval entre os séculos XII e XIII, esses escritos apresentam à sua audiência imagens femininas que são descritas, idealizadas, amadas, desprezadas e, sobretudo, julgadas pelo raio de visão masculino. Ao mesmo tempo, o fin’amors utilizou-se das tensões dispostas no seio da aristocracia medieval para, dialeticamente, suscitar cada vez mais o interesse da audiência feminina ávida por consumir tais produções, em uma espécie de “justa” histórico-literária em que o prêmio maior era a consumação do desejo e fidelização dos laços de vassalagem (DUBY, 2011; BASCHET, 2006).

Portanto, seria interessante expandir o foco de observação para um viés analítico que demonstre, dentro da lógica cultural e simbólica do Ocidente medieval, alguma possibilidade de “liberdade” ou mesmo de subterfúgio fora do claustro da instituição do matrimônio na literatura do período, especificamente no gênero do roman medieval. Para tanto, dois exemplos paradigmáticos – e antagônicos – podem servir de fio-condutor para esse tipo de análise: Isolda e Fenice. A primeira, é protagonista de uma das histórias mais conhecidas do cânone ocidental, e cuja relação com seu amado Tristão nos relegou um dos mais belos – e trágicos – contos de amor. Fenice, por sua vez, nos é

---

MORAIS, L. L. A. Amor cortês e liberdade romanesca: Isolda e Fenice no âmbito de uma disputa histórico-literária. *História e Pesquisa*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

apresentada por Chrétien de Troyes em seu roman *Cligès* (c. 1176), como a “anti-Isolda”, sendo um dos únicos romances arturianos a citar nominalmente e negativamente a natureza do amor entre Isolda e Tristão. O que têm em comum? Ambas se envolvem em relacionamentos de natureza proibida e adúltera com seus respectivos amantes, Tristão e Cligès.

Entretanto, o que difere singularmente Isolda e Fenice, além das particularidades narrativas óbvias de seus respectivos romans, é que a peremptória imagem de subserviência feminina é a todo momento questionada – dentro dos limites contextuais da época – e tensionada mediante o desenrolar de suas ações. As duas cumprem seu papel social e se casam cada uma com seus prometidos. Entretanto, não furtam em expressar aberta ou veladamente seu descontentamento para com o tipo de arranjo pelo qual tiveram que ser submetidas. O caso torna-se ainda mais interessante se visualizarmos que diferentemente de Isolda, cuja paixão voraz por Tristão quase a denunciou múltiplas vezes, Fenice é apresentada como sua contraparte, já que optou pela recusa da tentação carnal e enveredou pelo uso da inteligência e astúcia para enfim consumir seu amor com Cligès. Afinal, é Fenice quem afirma categoricamente que prefere ser desmembrada do que “viver na memória dos amores de Tristão e Isolda” (CHRÉTIEN DE TROYES, 1994, vv. 3127-3129). Afinal, o amor de Isolda e seu amante era um amor grosseiro (*amors en li trop vilena*, v. 3134), e Isolda, diferente de Fenice, compartilha seu coração com apenas um, Tristão, mas seu corpo com dois (*que ses cuers fu a un entiers / et ses cors fu a deus rentiers*, vv. 3135-3136).

Embora a dualidade comportamental se imponha e o jugo moral recaia sobre Isolda mesmo nas palavras de uma outra mulher, é inegável o impacto que seus desatinos amorosos com Tristão detiveram na literatura do período, a ponto de mesmo em perspectiva discordante, sua imagem ser uma espécie de avatar da “rebeldia” ou “liberdade” em meio às tensões de sua própria sociedade. Ora, se como disse André Capelão em seu *Tractatus de Amore* (c. 1186-1190), “fácil é ver que o amor é uma paixão” (ANDRÉ CAPELÃO, 2000, p. 6), quem ama deve estar sempre em vigilância, pois a própria manutenção do sentimento é constantemente ameaçada pela inveja e burburinho de terceiros. Levando em conta esse martírio sentimental autoimposto, torna-se então compreensível as ações tomadas por Isolda e Fenice para assegurar a manutenção do vínculo: pois, “haverá algum outro bem sob o céu pelo qual um homem queira enfrentar tantos perigos quanto aqueles a que vemos sempre os amantes se expor de livre vontade?” (ANDRÉ CAPELÃO, 2000, p. 9).

## Para saber mais

ANDRÉ CAPELÃO. *Tratado do Amor Cortês*. [Trad.: Ivone Castilho Benedetti]. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUBY, Georges. *As damas do século XII: Heloísa, Isolda e outras damas do século XII; A lembrança das ancestrais; Eva e os padres*. [Trad.: Paulo Neves e Maria Lúcia Machado], São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

GUAL, Carolina. “Até que a morte os separe”: o casamento cristão na Idade Média. São Leopoldo, RS: Oikos, 2019.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. *Amor cortês*. [Trad.: Lênia Márcia Mongelli]. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (orgs.). *Dicionário analítico do Ocidente medieval*. [Trad.: Hilário Franco Júnior (coord.)]. São Paulo: Editora da Unesp, 2017, v. 1, p. 55-66.

---

MORAIS, L. L. A. Amor cortês e liberdade romanesca: Isolda e Fenice no âmbito de uma disputa histórico-literária. *História e Pesquisa*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>